

A inserção dos sujeitos educacionais em processos midiáticos: usos/interações em discursos na construção de conhecimento para a produção acadêmica mediada pela internet

Reia Silvia Rios Magalhães e Silva¹

1 Professora Assistente da Universidade Federal do Piauí. Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Comunicação da UNISINOS/ Turma Especial Interinstitucional (DINTER) – UNISINOS/UFPI. reiarios@hotmail.com.

Resumo

A partir das tecnologias e do processo de midiatização da sociedade contemporânea, o texto traz algumas reflexões acerca dos dados de uma pesquisa preliminar de doutorado que tem como objetivo central analisar usos e contextos, por meio dos discursos, das práticas de interações dos sujeitos educacionais com a internet na produção acadêmica. Para fins do artigo, tentou-se cruzar as concepções e proposições teóricas sobre os fenômenos das novas tecnologias e da sociedade em midiatização com os dados empíricos obtidos por meio das técnicas de questionário e de entrevista aplicadas com docentes e discentes participantes de grupos e núcleos de pesquisa do curso de serviço social da Universidade Federal do Piauí (UFPI).

Palavras-chave

Midiatização, tecnologias, usos, práticas interacionais.

Abstract

Based on the technologies and on the process of mediatization of contemporary society, the present text brings some reflections on the preliminary data from a doctoral research that has the main objective of analyzing, through discourses, the uses and contexts of educational subjects' interactions with the internet in academic production. For the article presented here we have intended to cross concepts and theoretical propositions on the phenomena of new technologies and societies in mediatization process with empirical data. Those were obtained by the techniques of interviewing and applying questionnaires with teachers and students participating in groups and research centers related to the social service graduation program of the Federal University of Piauí (UFPI).

Keywords

Mediatización, technologies, practices, interactional practices.

Com o avanço da midiáticação sobre a sociedade, os diversos produtos midiáticos, dentre os quais, a internet, são permeados por dinâmicas variadas e vêm atingindo todas as áreas, inclusive a educacional. Produzem significativas mudanças sobre a organização e funcionamento dos processos de interações, estruturando uma nova arquitetura comunicacional. Tentamos cruzar aqui as concepções teóricas e as reflexões empíricas preliminares sobre os discursos e as percepções dos sujeitos educacionais sobre o fenômeno da internet na produção acadêmica.

Referenciamos os diferentes autores questionando os processos midiáticos a partir do fenômeno das técnicas, das tecnologias e da midiáticação da sociedade. No terceiro item, voltamos nossa atenção para a discussão em torno das tendências contemporâneas para o uso das tecnologias na realidade educacional. Em seguida, a partir do cruzamento dos dados teóricos e empíricos, problematizamos a produção acadêmica mediada pela internet. Tencionamos descrever e analisar relatos e descrições dos sujeitos educacionais sobre usos efetivos da internet na produção acadêmica e nas interações comunicacionais. E, finalizando, retomamos alguns pontos numa nota de natureza conclusiva.

Processos midiáticos: técnicas, tecnologias e processo de midiáticação na atual sociedade

Na sociedade contemporânea, sob a influência das novas tecnologias, o quadro do meio comunicacional no mundo vem sendo reconfigurado de forma intensa e junto com as chamadas culturas de massa, criadas pelos modernos meios de comunicação. Surge também uma nova cultura popular que transforma a comunicação entre os indivíduos numa comunicação comprimida pelas redes eletrônicas de informação.

Todo pensamento comunicacional foi se modificando a partir da segunda metade do século passado, sendo encarado dentro de uma perspectiva de processualidade. Começa, então, a se falar em processos midiáticos. Esse

caráter processual da mídia é assumido por R. Silverstone quando o autor diz que precisamos:

Examinar a mídia como um processo, como uma coisa em curso e uma coisa feita, em todos os níveis [...] Entender a mídia como um processo – reconhecer que o processo é fundamental e ternamente social – é insistir na mídia como historicamente específica (SILVERSTONE, 2002, p. 16-17).

No que diz respeito à relação entre comunicação e tecnologia, B. Miège, optando por uma perspectiva comunicacional, analisa o desenvolvimento técnico através de suas determinações sociais e “as mutações e mudanças sociais relativas à informação – comunicação através da emergência e da estabilização das Tic” (MIÉGE, 2009, p. 18). Destacando o papel das TIC nos processos comunicacionais, o autor não apresenta o termo “comunicação midiaticizada” como um mero elemento redutor da oposição entre as mídias de massa do passado e as mídias digitais do presente.

Afinal, a comunicação midiaticizada é algo bem mais amplo e, portanto, assume um papel bem mais relevante no atual contexto. O processo comunicativo, na realidade da midiaticização, não se restringe ao desenvolvimento da técnica em si, mas, enquanto processo, só pode ser entendido na trama das relações e processos sociais. Para alcançar uma boa percepção sobre a comunicação social moderna, “é preciso não circunscrever a observação apenas aos meios de comunicação, ao sistema midiático disponível. Devemos observar como a sociedade interage através desse sistema” (BRAGA; CALAZANS, 2001, p. 22). Caso contrário, corremos o sério risco de termos como consequência a reificação. Ou seja, nossa relação com os meios pode se tornar coisificada, incapaz de vislumbrar as verdadeiras inovações da sociedade, assim como de assumir nosso papel na construção de novas interações e práticas sociais.

Esse determinismo tecnológico a que B. Miège se refere, é, portanto, o que poderemos chamar de “reificação tecnológica”. Seria a limitação da análise das técnicas como coisas, ou seja, de transformá-las em fetiches, enxergando meramente as perspectivas oferecidas pelas técnicas, desconectando-as dos sujeitos que as criam e as recriam, dos que agem e reagem, refletem e opinam sobre as coisas que os cercam.

A sociedade está, hoje, mergulhada em um ambiente intensamente midiático. Direcionado pelas novas tecnologias, ele amplia a visão centralizada, unidirecional e vertical da comunicação, transcendendo a dimensão instrumental. A relação entre os sujeitos e a mídia se torna, assim, cada vez mais próxima e mais intrincada. Não somos mais uma sociedade dos meios, mas os meios se deslocam do local onde estão para afetarem outros campos, outras práticas sociais. Suas operações permeiam, portanto, toda a sociedade e, por isso, falamos em sociedade em vias de mediação. Essa sociedade em mediação é aquela que:

Caracteriza-se pela existência intensa e crescente de tecnologias convertidas em meios no âmbito de processos produtivos e receptivos de mensagens que estruturam uma nova arquitetura comunicacional na qual estão situados na mesma ambiência ou no mesmo entorno produtores e receptores de discursos (FAUSTO NETO, 2010)².

Segundo o autor, o conceito de mediação, embora nomeado, é ainda pouco problematizado na literatura da comunicação midiática. Em suas próprias palavras, “o conceito de mediação se encontra em formação, reunindo os resquícios dos ‘conhecimentos fundadores’ das teorias da comunicação midiáticas” (FAUSTO NETO, 2006, p. 2).

Por isso é que devemos “pensar a mídia como um processo, um processo de mediação que implica o movimento de significado de um texto para outro,

2 Notas em sala de aula, Teresina (PI), DINTER, em 02/08/2010.

de um discurso para outro, de um evento para outro” (SILVERSTONE, 2002, p. 33). Em consonância com B. Miège, que se põe contra as determinações técnicas, R. Silverstone deixa claro aspecto da mídia muito além da sua compreensão ferramental, do seu aparato tecnológico. Ele segue para um campo de compreensão, no seu dizer, “do que a mídia faz, e o que fazemos com ela” (SILVERSTONE, 2002, p. 34).

J. Braga (2006), acreditando que o enalço dos processos midiáticos não se esgota nos dois sistemas reconhecidos pela a teoria da comunicação – produção e recepção –, propõe outro, o “sistema crítico-interpretativo”. A partir deste terceiro sistema seria possível ampliar a visão sobre os diversos acontecimentos sociais, abrigando as respostas que os sujeitos desenvolvem após receber o que foi produzido. A midiatização é, pois, compreendida por J. Braga (2007) como processo interacional em curso acelerado, mas não totalmente concluído. Quer dizer, o autor assume o processo já estabelecido, em ritmo avançado, porém, ainda em andamento. Nesse movimento, os meios deixam de serem suportes técnicos e emergem na sociedade de forma rápida e contínua como processualidade interacional de referência. Na mesma perspectiva de J. Braga é que A. Fausto Neto afirma que:

A emergência deste conceito de midiatização é se formalizar também no próprio desenvolvimento de uma modalidade prática de comunicação que impõe aos campos de conhecimento de demandas de leituras e de interpretações que superariam, por assim dizer, certos ‘protocolos clássicos’ (FAUSTO NETO, 2006, p. 3).

B. Miège chama atenção para o papel ativo dos usuários das tecnologias. Em sua opinião, são eles que vão contribuir ao futuro do produto, portanto, isto é que deve estar no centro das reflexões sobre o tema. J. Ferreira desenvolve o conceito de midiatização a partir de três polos em relação de mútua determinação, formando, na sua visão, uma matriz de midiatização. “Nessa matriz primária, não só cada um dos polos condiciona o outro, como cada um pode interceder nas relações entre os dois” (FERREIRA, 2010, p. 67).

Ao invés de pensarmos em meios, em técnicas isoladas, devemos pensar em processos. Precisamos, como bem diz J. Martín Barbero (1987), passar dos meios às mediações, perder o objeto para ganhar o processo. Os meios estão, pois, atrelados a processos, constituem-se em articulações, pontos de contatos.

Os processos midiáticos, na nossa compreensão, residem no centro do palco histórico da sociedade contemporânea, abarca todas as esferas da vida cotidiana. Quanto mais a sociedade se midiatiza, mais vai se tornando complexa. As tecnologias, de modo especial a internet, vêm a cada dia gerando mais e mais expectativas nos diversos campos sociais, inclusive no campo educacional.

A internet na área da educação: o virtual num espaço real

A internet, com suas inúmeras possibilidades, já está incorporada ao contexto educacional. Entretanto, muito ainda precisa ser esclarecido e examinado, uma vez que as concepções sobre o assunto, de certa forma, ainda se apresentam controversas. Alguns estudiosos se posicionam contra, outros, a favor das contribuições da Internet como ferramenta educacional. Pensar, portanto, o conhecimento hoje no mundo virtual, eis uma das grandes questões no que se refere à Internet na área da educação.

A comunicação virtual, caracterizada pela interatividade, agilidade e facilidade de trocar mensagens e informações em tempo real, proporcionada pelas mídias, chega ao espaço real do ambiente educacional. Muitos são os fatores que podemos destacar como diretamente relacionados à mídia na área da educação, entretanto, um não pode deixar de ser mencionado: o seu papel na formação da cidadania. É nessa perspectiva que, no andamento do processo educativo, a presença dos meios de comunicação se torna imprescindível.

A importância da internet na área educacional tem hoje como uma das suas principais decorrências suscitar o conceito de educação continuada. Com a proliferação das TIC, especialmente da Internet, uma imensidão de informações e conhecimentos se encontram a nossa disposição, isto nos leva a acreditar que:

Uma graduação é apenas uma formação de “partida”. Além dos desenvolvimentos das experiências e dos estudos pessoais, qualquer profissional é frequentemente solicitado a retomar os estudos e cursos, faz re-imersões nos processos formadores para atualização e aprofundamento. Os conhecimentos, de certa forma, precisam ser “substituídos” ou pelo menos revistos (BRAGA; CALAZANS, 2001, p. 108).

Presenciamos, atualmente, um rápido intercâmbio de conhecimentos técnicos, científicos, tecnológicos e culturais. O conhecimento não está em transmissão apenas na universidade, com salas de aula, biblioteca, professores de livro na mão, alunos anotando. Neste mundo globalizado, o conhecimento está em todo lugar. A universidade é apenas mais um canal.

Como bem afirmam J. Braga e M. Calazans, até pouco tempo atrás não se acreditava que a aprendizagem pudesse ocorrer por meio da mídia e de seus meios de comunicação. Colocava-se todo o mérito na escola, como se esta fosse a única fonte de aprendizagem autorizada, legitimada e verdadeira. Conforme os autores, somente

a partir dos anos 90, com as redes informáticas, a reação se inverte (no que se refere aos agora chamados NTIC – Novas Tecnologias de Informação e Comunicação), levando a uma hipervalorização do gesto de clicar um link, como de daí estivesse prestes a surgir todo conhecimento necessário ao homem e à sociedade (BRAGA; CALAZANS, 2001, p. 93).

Nesta mesma perspectiva, M. Silva reconhece que:

Essas transformações não tinham sido sentidas de maneira tão forte pela escola, leia-se sociedade, até a massificação do computador. Ele veio alterar não só a capacidade do indivíduo de informar e ser informado, como as relações mediáticas no transcurso informativo (SILVA, 2008, p. 33).

O impacto das inovações tecnológicas, decorrentes da eletrônica e informatização, está reconfigurando significativamente as concepções de educação nas escolas, criando todo um conjunto de situações de ensino e aprendizagem que demanda interpretação teórica para os fenômenos da realidade virtual. Nessa realidade das novas mídias,

A escola e os professores devem oferecer a seus educandos os recursos disponíveis nos seus meios. Recusar esta possibilidade significa omissão e não cumprimento da missão principal do educador: preparar cidadãos pró-ativos para um mundo cada vez mais competitivo e, infelizmente, com grandes disparidades sociais (TAJRA, 2001, p. 10).

Mas devemos lembrar que a tecnologia, por si mesma, não garante a comunicação interativa e nem é capaz de fazer as mudanças acontecerem automaticamente. Na realidade, os recursos tecnológicos apenas viabilizam informações que vão contribuir no surgimento de uma nova forma para que professores e alunos desenvolvam aptidões, competências e atitudes. São características que a educação tradicional não conjeturava e que o mundo midiático de hoje impõe a seus habitantes. A construção do conhecimento na sociedade midiática contemporânea exige, pois, a formulação de novas propostas, novas estruturas, novos métodos de trabalho, criando um ambiente favorável à pesquisa, com a utilização adequada dos recursos disponíveis na nova realidade. Mas, não podemos nos deixar seduzir e colocar toda a nossa expectativa na inovação tecnológica. Afinal, muitos ainda são os desafios que se apresentam no ato de ensinar, aprender e pesquisar com o uso da Internet.

Na verdade, o mundo virtual está aí, se entrelaçando ao mundo acadêmico, atingindo e envolvendo a todos nós, atores da educação. Decerto, não podemos ignorar os inúmeros recursos tecnológicos cada vez mais avançados. Mas precisamos entender a presença marcante dessas tecnologias e seus efeitos na educação. A midiática da educação tem como principais desafios não somente adaptar as instituições de ensino ao atual contexto das tecnologias,

mas, sobretudo, transformá-las num espaço inclusivo, onde todos possam, sem nenhuma distinção, ter igualdade de acesso às configurações midiáticas veiculadas via internet.

Percepções e discursos dos sujeitos educacionais sobre usos efetivos da internet

Chegando ao item central do nosso trajeto, os dados da pesquisa empírica deixam evidente que, juntamente com os novos tempos, novos desafios se apresentam à sociedade. Novas tecnologias clamam por novas propostas, novas estruturas, novas formas de ação e interação, que caracterizam uma nova forma de ser dos sujeitos no mundo contemporâneo. Tudo isso provoca efeitos, traz desafios ao tecido sociocultural, que ultrapassam o “uso” da tecnologia.

Com o propósito de verificar os modos de usos/interações mediados pela internet na produção acadêmica, solicitamos aos nossos sujeitos que falassem das suas motivações para o uso ou o não uso da internet. A resposta positiva para o uso da internet na produção acadêmica foi unânime entre o grupo de alunos. Quanto às professoras, duas confessaram que não costumam utilizar a internet para realizar seus trabalhos. As justificativas das duas são as mesmas: escassez de computadores no espaço acadêmico e falta de confiança nas informações veiculadas na rede.

Para a minhas produções acadêmicas eu ainda prefiro usar um bom livro, a Internet traz muitas informações, mas acho tudo muito superficial. Na realidade, tenho certo receio e desconfiança nas informações veiculadas. Quase nunca faço uso dessas ferramentas modernas, pois sei que existem informações de todos os tipos (PROFESSORA E).

Há, no DSS e nos núcleos, escassez de computadores. O uso da internet para a produção dos nossos trabalhos de pesquisa é ainda um desafio no cotidiano dos núcleos e grupos de pesquisa. Além de dificuldades ao acesso aqui dentro, eu, particularmente, tenho ainda receios nas informações via internet (PROFESSORA B).

No processo de midiaticização da sociedade nos deparamos com novas formas de comunicar, de explorar diversas informações, de ler, sentir e interpretar o mundo que nos rodeia e, portanto, de construir conhecimentos. Como podemos constatar nessa fala:

Acho que nem sei mais viver sem a Internet. Uso a internet para tudo. Acho que pela facilidade e rapidez de informações, de comunicação, enfim, acho que a Internet é fundamental no trabalho acadêmico, tanto para o professor quanto para o aluno. É, ainda, uma forma de nos sintonizarmos com o que acontece no mundo (PROFESSORA F).

Mesmo na fala daqueles que dizem fazer uso intenso da internet, verificamos que existe, por parte desses sujeitos, falta de confiança nas informações que a internet veicula. Então, até que ponto o fator confiança é significativo para seu uso de uma forma geral e, de modo específico, nas atividades de estudo e pesquisa?

É evidente que não podemos deixar de reconhecer o caráter inovador, transformador da internet para a sociedade contemporânea. Entretanto, como disse R. Marques, a internet tem também seu lado sombrio.

Esse é pouco tratado, mas certamente amplamente reconhecido pelos usuários desse sistema (...). Com novas liberdades, descortinam-se também novas ameaças. De modo que um prestigiado especialista da tecnologia da informação recentemente declarou 'O único computador seguro é aquele desligado, dentro de uma caixa de metal, no fundo do mar'" (MARQUES, 2007, p.12).

Neste sentido, os sujeitos não podem ser movidos nem por uma atitude cômoda e irrefletida, nem também pelo fascínio e encantamento que as tecnologias exercem (MIEGE, 2009), gerando nos usuários a cegueira, ou como poderíamos chamar "alienação tecnológica", em que a ausência de consciência crítica-reflexiva faz as coisas parecerem naturais, incontestáveis.

Eu incorporei totalmente a Internet. Essa tecnologia vem cada vez mais se tornando um espaço de interação entre as pessoas, com as redes sociais, além da grande quantidade de notícias vinculada via Internet atualmente. Portanto, na comunicação atual o uso de internet é imprescindível, mesmo as vias tradicionais (rádio, TV, Jornal) utilizam e constantemente citam conteúdos da internet, quando não a utilizam em tempo real, para a exibição de matérias (...). Com a Internet temos rapidez, agilidade, mas na hora de fazer meus trabalhos... Uso muito a internet, mas me sinto mais seguro com as informações que encontro nos livros. A internet é muito boa, mas não substitui totalmente os livros (ALUNO B).

Depoimentos como esse nos levam a perceber, como diz B. Miège (2009), um comportamento idólatra, de fascínio, apropriação, identificação por parte destes alunos usuários da internet e suas ferramentas. Ainda assim, os pesquisados deixam claro, nas suas falas, certa desconfiança em relação aos conteúdos.

Nesse sentido, retomamos J. Braga (2012) quando, na mesma perspectiva de B. Miège (2009), chama atenção para os indivíduos envolvidos neste processo. Eles não assumem uma postura meramente passiva diante das tecnologias e são, na realidade, produtores, receptores, além de assumirem também uma posição crítica, interpretativa. Quer dizer, os sujeitos usam as tecnologias conferindo investimento de sentido, atribuem significados e produzem matéria prima simbólica, sobre a qual se fundamentam suas experiências e suas práticas sociais. As concepções, impressões dos sujeitos sobre as tecnologias são criadas na circulação comunicacional. Na proporção que os fluxos comunicacionais se movimentam, vai gerando subjetividade.

Sim, incorporamos o computador e suas múltiplas possibilidades no nosso cotidiano pessoal e profissional. Mas, em qualquer circunstância, devemos evitar a alienação e a reificação tecnológica. Da mesma forma que potencializa, a internet paralisa. As informações que disponibiliza nem sempre trazem respostas convincentes para as demandas e anseios informacionais e de conhecimento dos sujeitos educacionais. Quando indagados sobre usos efetivos, em sentido

restrito, ou seja, de que forma utilizam a internet na produção acadêmica, assim alguns dos sujeitos se manifestam:

Uso bastante a Internet na produção dos trabalhos desenvolvidos aqui no nosso núcleo. A internet me orienta para a busca de materiais bibliográficos, uso muito o Google para localizar informações atuais sobre o tema que estamos trabalhando, bem como para atualidades em geral. Uso também para me comunicar com os outros participantes do núcleo, tanto com a coordenadora, como com os colegas. Afinal, a gente está sempre precisando perguntar alguma coisa, trocar informações (ALUNA D).

Para pesquisar sobre o tema dos trabalhos desenvolvidos no núcleo eu vou direto para o Google. Sei que temos várias ferramentas de consulta para pesquisa na internet, mas uso mais o Google pela facilidade e rapidez de informações. Agora uso também a internet para trocar e-mails com a coordenadora, com os colegas. Mas a gente não tem assim um blog ou algo semelhante com as informações sobre a pesquisa desenvolvida no núcleo (ALUNA F).

Ficou nítido nessas falas que o Google é o site mais utilizado por docentes e discentes participantes dos núcleos e grupos de pesquisa. Sabemos que esse é também o site mais utilizado pela grande maioria dos indivíduos do mundo todo, não só por sujeitos educacionais, empenhados na tarefa de construir conhecimentos para a produção acadêmica. Mas, sabemos também que o simples uso do Google não garante a capacidade de abstração e de reflexão dos sujeitos – qualidades imprescindíveis ao pensamento crítico e ao processo produção e recepção midiática.

Quanto às habilidades necessárias para produzir trabalhos com a utilização correta dos recursos disponíveis na internet, 50% dos professores dizem que se sentem mais ou menos habilitados, 45% consideram que têm muita habilidade e 5% acham que têm pouca habilidade. Já os alunos, 90% afirmam ter muita habilidade, contra apenas 10%, que consideram que são mais ou menos hábeis no manuseio da ferramenta.

Esses dados confirmam o que vimos na literatura: os alunos, sendo, geralmente, mais jovens do que os professores, nasceram na geração net, digital e, conseqüentemente, têm mais facilidade no uso e manuseio da internet e de suas novas ferramentas. Não podemos, entretanto, afirmar que os professores questionados não estão atentos ao que não sabem e abertos ao novo. Entretanto, obtivemos dados de alunos que afirmam que não são incentivados pelos professores a utilizar a internet para a pesquisa e produção dos trabalhos acadêmicos. A maioria dos alunos afirma que são poucos os professores que os incentivam para o uso da internet, e que alguns chegam a dizer que o que eles devem usar mesmo são os textos e os livros indicados na bibliografia do plano da disciplina.

Isso aponta para a desconstrução dos discursos dos professores. A maioria se diz usuário da internet e afirma incentivar seus alunos. Os alunos, por outro lado, negam isso, sinalizando que há falta de habilidade para o manuseio, o receio dos professores em deixar para trás o que já dominam e o temor de encarar mudanças, quando já estão chegando ou passando dos cinquenta anos de idade. Isso, na percepção dos alunos, são empecilhos para alguns docentes, no que se refere à concretização de inovações teoricamente vislumbradas.

Mas, o interessante é que, mesmo aqueles que negam, rejeitam, desconfiam e se dizem não adeptos da internet para a construção de conhecimento, acaba por se contradizer quando deixa escapar que usa a internet para interações comunicacionais:

As tecnologias, de modo especial a Internet, são responsáveis pela melhoria do nosso trabalho docente e têm importância significativa nas interações entre a gente. Eu acho que a internet impõe isso ao mundo e às vidas, estar ausente dessa realidade é deixar de partilhar algo central que acontece na contemporaneidade, além dos aspectos práticos e instrumentais de trabalho (PROFESSORA D).

Envio e-mail para os outros professores, mando material didático para os alunos, procuro manter contatos além da sala de aula, e, até através dos sites de conversação. De alguma forma os alunos se sentem mais próximos dos professores só em serem aceitos como amigos nesse tipo de site (PROFESSORA F).

Assim, no que se refere às novas características presentes nas relações comunicacionais induzidas pela internet e também à percepção que os pesquisados mantêm acerca das interações que eles vêm tentando construir a partir da circulação dos seus conteúdos midiáticos, vimos também alunos que entendem de forma negativa a possibilidade de interação mediada pelo computador, alegando que:

Embora a internet faça com que você se comunique de qualquer lugar, de qualquer hora e distância, possibilita um contato com os professores, sem a necessidade da presença física. Isso é ruim, pois às vezes pode atrapalhar o contato físico. Acho necessário tirar dúvidas pessoalmente. A Internet muitas vezes nos leva a deturpar de entendimento na explicação explicações e informações sobre o que precisamos saber do professor (ALUNO E).

Alguns professores, também numa perspectiva negativa, mencionam, ainda, a redução da sociabilidade, do contato face a face, nova forma de laconismo (redução de palavras, etc.), resistência em aceitar formas tradicionais de correspondências. Entretanto, a maioria dos professores e alunos até conseguem relacionar algumas características e apontam algumas práticas de interação que podem ser construída a partir desse processo. O que não deixam claro é até que ponto percebem que suas práticas de aceitação e resistência fazem parte deste quadro.

A internet tem sido a forma mais geral de comunicação entre a gente e o mundo, seja por e-mail, através de debate em comunidade, blogs, chats. Enfim, acredito na possibilidade de construirmos formas de interação, mas isso tem que ser de forma coletiva (ALUNA C).

Essas novas tecnologias vêm cada vez mais se tornando um espaço de interação entre as pessoas, com as redes sociais, além da grande quantidade de notícias vinculada via internet atualmente. Portanto, na comunicação atual o uso de Internet é imprescindível. Muitas práticas de comunicação podem ser construídas a partir desse processo. Podemos nos comunicar por meio de chats, teleconferências, Facebook, MSN, e outras variadas formas de utilização das redes sociais (PROFESSORA A).

Diante desses discursos, temos que nos reportar a literatura estudada. As mutações sóciotécnicas, não se dão somente pela assiduidade da internet no contexto acadêmico, mas também pelas formas de interação presentes no cotidiano dos sujeitos pesquisados. Como vimos nas reflexões teóricas, quando acontece a interação sobre os objetos tecnológicos, eles deixam de ser meros instrumentais e passam a ocupar um lugar central, produzindo e fazendo funcionar uma nova forma de organização social. Temos, então, como afirmam os diversos autores da área, a passagem da sociedade dos meios para a sociedade em processo contínuo de mediação.

O conceito de mediação está permeado por variadas dinâmicas, por diversos processos de mediação, compreendendo o conjunto de relações e intersecções em que os dispositivos midiáticos estão inseridos (FERREIRA, 2006). Não devemos pensar em meios, em técnicas isoladas, mas sim, em processos (BRAGA, 2007, FAUSTO NETO, 2006). Precisamos passar dos meios às mediações, perder o objeto para ganhar o processo (MARTÍN BARBERO, 1987). "Precisamos compreender esse processo de mediação, compreender como surgem os significados, onde e com que consequências (...)" (SILVERSTONE, 2002, p. 43).

Com a repercussão das tecnologias no campo acadêmico, torna-se importante que professores e alunos assumam, com competência, o sentido histórico dos processos midiáticos, lutando por novas propostas de práticas autenticamente sociais, capazes de contribuir para a consolidação de novos padrões de comportamento no trato das interações construídas pela internet.

Considerações finais

Tomando por base o que foi exposto aqui neste estudo, podemos inferir que como integrar as tecnologias digitais no espaço educacional se constitui no grande desafio da sociedade contemporânea. Percorremos, hoje, um percurso da cultura pedagógica para uma cultura midiática. E, nesse caminho, surgem grandes e constantes obstáculos e cada um de nós tem uma contribuição a prestar no sentido de trazer respostas a esses obstáculos. Nós, professores, pesquisadores, temos o papel principal. Não somos meros espectadores ou representantes de papéis atribuídos. Construimos e desempenhamos o texto. No novo cenário tecnológico, somos a estrela maior. Nosso papel é analisar todas as questões relacionadas aos processos midiáticos da sociedade contemporânea e propor mudanças positivas para constituição de conhecimento na área.

É imprescindível que pensemos essas tecnologias da comunicação na perspectiva do movimento constante da realidade atual. Nós precisamos repensar nosso papel, nossos objetivos e assumir nosso espaço neste palco em constante alteração.

Enfim, podemos dizer que, embora reconhecendo que a internet, no novo contexto tecnológico da sociedade midiaticizada, pode certamente trazer mudanças e influir de maneira significativa no processo educacional, não devemos transformá-la em destino, mas sim, permanecermos cautelosos, desejando e lutando de forma coletiva por todas as boas mudanças que as novas ferramentas comunicacionais podem proporcionar. Torna-se cada vez mais preciso “deletar” o comodismo, conectar-se com as habilidades, competências, com a coragem e a criatividade para produzir práticas capazes de abrir espaços para novas totalizações, em plena sintonia com o nível de desenvolvimento das TIC. Esta é a tarefa imposta aos sujeitos educacionais em relação à presença da internet no ambiente de educação : assumir o sentido histórico da comunicação, rompendo com a reificação tecnológica e encarando esse intenso e poderoso processo de midiaticização da educação de forma reflexiva, ponderada e participativa.

Referências

BRAGA, J. L. *A sociedade enfrenta sua mídia: dispositivos sociais de crítica midiática*. São Paulo: Paulus, 2006.

_____. "Midiatização como processo interacional de referência". In: MÉDOLA, A. S. L. D.; ARAÚJO, D. C.; BRUNO, F. (orgs.). *Imagem, visibilidade e cultura midiática*. Livro da XV Compós. Porto Alegre: Sulinas, 2007.

_____. *Midiatização: a complexidade de um novo processo social*. Entrevista concedida a IHU Online. Disponível em: www.ihuonline.unisinos.br. Acessado em: 14 abr. 2012.

BRAGA, J. L.; CALAZANS, M. R. Z. *Comunicação e educação: questões delicadas na interface*. São Paulo: Hacker, 2001.

FAUSTO NETO, A. *Midiatização: prática social, prática de sentido*. (Mimeo.). Unisinos: PPGCC, 2006.

_____. *Disciplina "Processos midiáticos" da Pós-Graduação em Ciência da Comunicação no Curso de Doutorado Interinstitucional (DINTER/UNISINOS/UFPI)*. (notas em sala de aula). Teresina: UFPI, 2010.

FERREIRA, J. "Dos objetos separados à circulação midiática como questão comunicacional". In: FAUSTO NETO, A. et. al. (orgs.). *Midiatização e processos sociais: aspectos metodológicos*. Santa Cruz do Sul: Edunisc, 2010.

MARTÍN-BARBERO, J. *Dos meios às mediações*. Rio de Janeiro: UFRJ, 1997.

MIÈGE, B. *A sociedade tecida pela comunicação: técnicas da informação entre inovações e enraizamento social*. São Paulo: Paulus, 2009.

MORAN J. M; MASETTO, M. T.; BEHRENS, M. A. *Novas tecnologias e inovações tecnológicas*. 6ª. ed. Campinas: Papirus, 2000.

MORAN, J. M. *A Internet na educação*. Entrevista concedida ao portal Educacional. Disponível em: www.eca.usp.br. Acessado em: 21 abr. 2012.

MORIN, E. *Introdução ao pensamento complexo*. 4ª ed. Porto Alegre: Sulina: 2011.

MARQUES, R. *Risco, confiança e uso de Internet: um estudo qualitativo*. Dissertação (mestrado). Universidade Federal do Rio de Janeiro: Rio de Janeiro, 2007.

SILVA, M. L. "A urgência do tempo: novas tecnologias e educação contemporânea". In: SILVA, M. L. (org.). *Novas tecnologias: educação e sociedade na era da informação*. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

SILVERSTONE, R. *Porque estudar a mídia?* São Paulo: Loyola, 2002.

TAJRA, S. F. *Informática da educação: novas ferramentas pedagógicas para o professor na atualidade*. 3ª. ed. São Paulo: Érica, 2001.